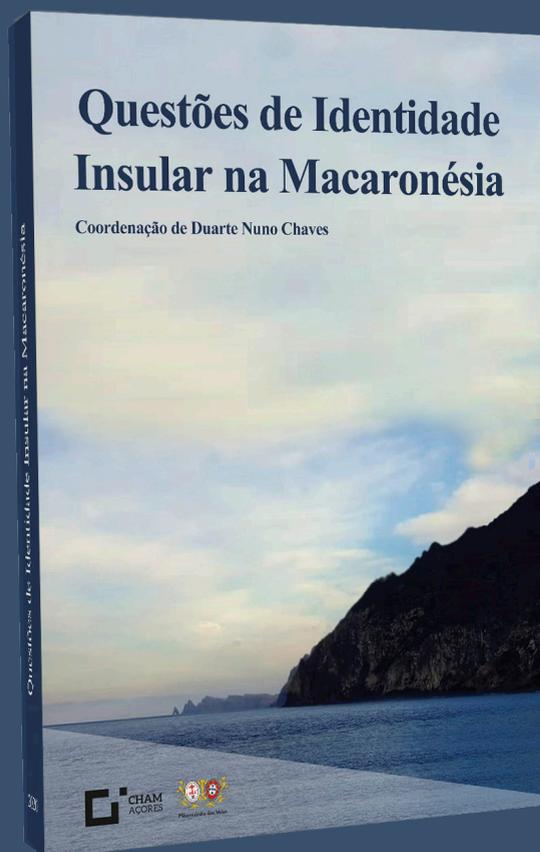


À SOMBRA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E COSMOPOLITISMO INSULAR EM SÃO VICENTE

Carmo Daun e Lorena

Universidade do Minho

– Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)



DAUNE LORENA, Carmo. 2020. “À sombra do passado: memória, identidade e cosmopolitismo insular em São Vicente”. In: CHAVES, Duarte Nuno (coord). *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*. S. Jorge: Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. pp. 85-101.

ISBN: 978-989-54856-0-4

***QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR
NA MACARONÉSIA***

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

Santa Casa da Misericórdia das Velas
CHAM — Centro de Humanidades
Velas, S. Jorge, Açores

2020

FICHA TÉCNICA

Título	<i>Questões de Identidade Insular na Macaronésia</i>
Coordenação	Duarte Nuno Chaves
Autores	Vários
Edição	Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades
Paginação	Gonçalo Mendes – DRC Madeira
Capa	Laura Catarina Nunes
Fotografia da capa	Élia de Sousa
Depósito Legal	471588/20
ISBN	978-989-54856-0-4
Data de Saída	2020
Execução Gráfica	Nova Gráfica Artes Gráficas Rua da Encarnação, 21, Fajã de Baixo 9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Secretaria Regional
de Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Secretaria Regional do Turismo e Cultura do Governo Regional da Madeira. No âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1. a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

ÍNDICE

- 11 Duarte Nuno Chaves**
NOTA DE ABERTURA E BREVE ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

CAPÍTULO I - ITINERÁRIOS DO ESPAÇO E DA HISTÓRIA

- 21 Liliana Ferreira**
UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO INSULAR. ENTORNO DA ARQUITETURA EM SOCALCOS NA MACARONÉSIA
- 35 José Antonio González Marrero**
LA ISLA DE SAN BORONDÓN, UN ELEMENTO DE IDENTIDAD ATLÁNTICA DESDE LA EDAD MEDIA HASTA LA ACTUALIDAD
- 51 Mariano Gambín García**
LA REPOBLACIÓN DE GRAN CANARIA DESPUÉS DE LA CONQUISTA A FINALES DEL SIGLO XV. ASPECTOS HUMANOS Y POLÍTICOS
- 73 Javier Luis Álvarez Santos**
EXOGENESIS E INCLUSIÓN SOCIAL EN ÁREAS DE CONTACTO: EL COMPROMISO LOCAL DE LA ÉLITE PORTUGUESA EN TENERIFE DURANTE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XVII

CAPÍTULO II - QUESTÕES DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA

- 85 Carmo Daun e Lorena**
À SOMBRA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E COSMOPOLITISMO INSULAR EM SÃO VICENTE
- 103 Susana Serpa Silva**
A ILHA GRACIOSA NOS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS (SÉCULO XIX)
- 121 Sérgio Rezendes**
AÇORES E MACARONÉSIA, TERRAS DE DEGREDADO POLÍTICO EM 1930
- 141 Mercedes Chinea Oliva**
LA PRESENCIA DEL TRABAJO DE LAS MUJERES EN LOS PROCESOS DE CULTIVO Y TRANSFORMACIÓN DEL ALGODÓN A TRAVÉS DEL FONDO DE LA COMPAÑÍA ALGODONERA DE CANARIAS
- 151 Cláudia Faria**
GRACIOSA E PORTO SANTO “DOS QUE VIVEM ONDE SOPRA O VENTO”
- 161 Graça Alves**
UM CANTO À ILHA DA MADEIRA

CAPÍTULO III - TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS

- 169 Alcides José Delgado Lopes**
TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS: ELEMENTOS DE IDENTIDADE DOS ILHÉUS
- 187 Élia de Sousa**
CHARAMBA - EM BUSCA DE UM FUTURO. CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA
- 207 José Andrade**
FILARMÓNICAS DOS AÇORES: PATRIMÓNIO IDENTITÁRIO - O CASO DA ILHA DE SÃO MIGUEL

219 Naidea Nunes e Helena Rebelo

A CRIAÇÃO DE GADO E AS EXPRESSÕES ORAIS: BREVE COMPARAÇÃO DO VOLUME I DO ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA MADEIRA E DO PORTO SANTO COM O DOS AÇORES

CAPÍTULO IV - MUSEUS, ARQUIVOS E NOVAS ABORDAGENS CULTURAIS

239 Rita Rodrigues

VIAGEM: DO ESPAÇO CULTURAL PARA O MUSEU. VIVÊNCIAS RELIGIOSAS MADEIRENSES

259 João Henrique Silva

MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PRESENÇA

273 Maria Manuel Velasquez Ribeiro

MUSEOLOGIA AÇORIANA: UMA APROXIMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

285 Jorge António Cunha

MUSEUS E TURISMO CULTURAL: O CASO DO MUSEU DA GRACIOSA

295 Cristina Moscatel

ARQUIVOS AÇORIANOS: PERCURSOS PATRIMONIAIS E DA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA INSULAR

309 Bruna Pereira

PONTA DELGADA: UMA CIDADE DA MACARONÉSIA INSERIDA NAS TENDÊNCIAS PICTÓRICAS DO SÉCULO XXI

CAPÍTULO II

QUESTÕES DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA

À SOMBRA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E COSMOPOLITISMO INSULAR EM SÃO VICENTE¹

Carmo Daun e Lorena

Universidade do Minho

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)

carmodaun@gmail.com

Palavras-chave: Cabo Verde; Cosmopolitismo; Identidade; Insularidade; Memória.

Introdução

Se este texto, ao invés de se intitular “À sombra do passado”, se intitulasse “A sombra do passado”, os sentidos seriam, obviamente, muito diferentes. Neste segundo caso, o título remeteria para algo mau ou nefasto, um espectro sombrio que o passado pudesse ainda imprimir no presente. Mas o lastro do passado, mesmo de um passado colonial, nem sempre é totalmente sombrio. A reflexão que trago aqui é sobre sombras, mas não sobre passados

¹ Este texto é uma versão desenvolvida de uma comunicação que apresentei em 2018 no Congresso Internacional «Insularidades e enclaves em situações coloniais e pós-coloniais: trânsitos, conflitos e construções identitárias (séculos XV-XXI)» na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aí expus as ideias preliminares deste texto, presentes também numa secção do capítulo I da minha tese de doutoramento em Antropologia intitulada «Classe, memória e identidade em Cabo Verde: uma etnografia do carnaval de São Vicente», defendida em 2018 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e cuja pesquisa foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/77522/2011). Agradeço a João Vasconcelos a revisão que fez a uma versão anterior deste texto, bem como a troca de ideias e reflexões, ao longo da última década, sobre assuntos cabo-verdianos.

sombrios. Pelo contrário. Concentro-me no cosmopolitismo de outrora da ilha de São Vicente e nas suas memórias locais. Estas memórias são positivas e constituem motivo de orgulho para as gentes da ilha. Esse passado cosmopolita é um capital mobilizado ainda hoje, não apenas para falar dos tempos de antigamente, mas para falar do presente. Mais, é um elemento determinante na construção identitária dos são-vicentinos e na sua memória colectiva, que tem sido destacado e reproduzido ao longo do tempo, do período colonial à contemporaneidade.

Tendo por base pesquisa bibliográfica e etnográfica, proponho, para o caso de São Vicente, uma nova terminologia – *cosmopolitismo insular* – que não só convoca essas memórias locais, como pretende oferecer uma síntese entre o ensimesmamento ilhéu e o desejo de abertura ao mundo que caracterizam a identidade regional são-vicentina.

O debate académico sobre cosmopolitismo não é novo e tem atraído a atenção de vários campos disciplinares, da Antropologia à História. Não obstante o seu interesse e pertinência, não me vou debruçar aqui sobre ele, nem tão-pouco dissecar o conceito de cosmopolitismo.² O objectivo central deste texto é reflectir sobre a forma como, na ilha de São Vicente, o tropo do cosmopolitismo, usado insistentemente no passado e no presente, pode ser visto como uma forma de falar de si próprio, de construir identidade e também memória. Ademais, pretendo sugerir que certas características próprias das ilhas e das cidades-porto convidam a repensar a oposição entre cosmopolitismo e enraizamento cultural. A aparente contradição destes termos é uma chave interpretativa para descortinar as complexidades das identidades insulares.

Começo com a apresentação da sociogénese da ilha de São Vicente, dando conta de várias influências culturais que o trânsito portuário de finais do século XIX promoveu, e detenho-me em testemunhos desse legado cosmopolita para demonstrar a sua centralidade e persistência na história local. Avanço depois para uma análise mais conceptual acerca das intersecções entre cosmopolitismo, criouliização e insularidade. E termino com a apresen-

2 Além das referências indicadas ao longo do texto, outras reflexões sobre cosmopolitismo podem ser encontradas em: Ulf Hannerz, «Cosmopolitans and Locals in World Culture» *Theory, Culture & Society* 7(2-3) (1990) 237-251; Peter van der Veer, «Cosmopolitan Options» *Etnográfica* VI(1) (2002) 15-26; Carol A. Breckenridge, Sheldon Pollock, Homi K. Bhabha, Dipesh Chakrabarty (eds.), *Cosmopolitanism*. Duke University Press, Durham; London, 2002; Steven Vertovec, Robin Cohen (eds.) *Conceiving Cosmopolitanism. Theory, Context, and Practice*. Oxford University Press, Oxford, 2002; Kwame Anthony Appiah, *Cosmopolitanism. Ethics in a World of Strangers*. W. W. Norton & Company, New York, 2007.

tação da noção de *cosmopolitismo insular* que, considerando a diversidade de acepções e perspectivas teóricas hoje amplamente aceites, procura, antes de mais, traduzir o modo como o conceito de cosmopolitismo é utilizado localmente, do ponto de vista *emic*, na construção e reconstrução de uma identidade insular.

Deste modo, pretendo discutir a ideia – profundamente arraigada no senso comum e na memória colectiva dos mindelenses – de São Vicente ser uma ilha cosmopolita, ter uma identidade cosmopolita. E pretendo pensar sobre a forma como certas memórias sociais e repertórios identitários se constituem e se enraízam em contexto insular.

A sociogénese de São Vicente e o cosmopolitismo nascente

O arquipélago de Cabo Verde tem uma população que ronda as 492.000 pessoas. Na capital do país, a cidade da Praia, na ilha de Santiago, estão concentradas cerca de 130.000. A cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, é o segundo maior centro urbano do arquipélago e tem perto de 70.000 habitantes.³ São Vicente está longe de ser uma ilha densamente povoada e a população concentra-se na cidade do Mindelo e nos seus subúrbios, havendo apenas cerca de cinco milhares de residentes espalhados por outras povoações.

O Mindelo cresceu à volta da sua baía e do seu porto e isso moldou desde o início o seu perfil identitário como cidade cosmopolita e como capital cultural do país.

O Porto Grande, localizado na linda baía virada para o emblemático Monte Cara – ou *Washington Head*, como lhe chamavam os ingleses – foi a porta de chegada do mundo à pequena e pacata ilha, e a porta de saída dos ilhéus para o mundo.

Das nove ilhas habitadas do arquipélago, São Vicente foi a última a ser povoada, embora tenha havido várias tentativas, todas fracassadas. Desde o seu achamento, em 1462, foi preciso esperar quase quatro séculos para aí começar a germinar uma cidade-porto, o que aconteceu em 1838, com o estabelecimento do primeiro depósito de carvão.⁴ A partir de então, a ilha

3 Dados do censo de 2010, disponibilizados online pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde.

4 João Augusto Martins. *Madeira, Cabo-Verde e Guiné*. Livraria de Antonio Maria Pereira, Lisboa, 1891, p. 161.

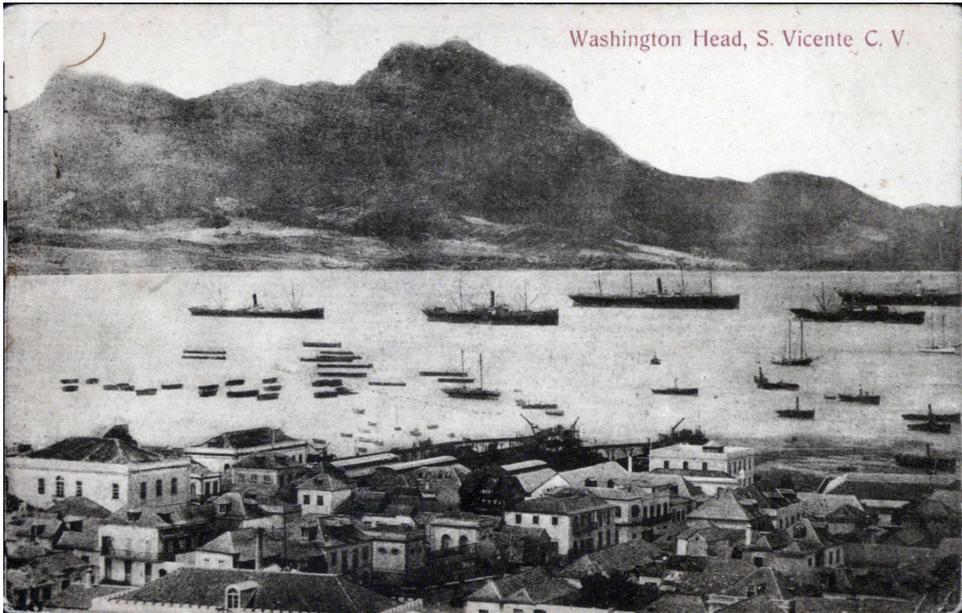


Fig. 1 – Washington Head, São Vicente (c. 1907).

Fonte: BNP – Biblioteca Nacional de Portugal.

adquire um relevo nacional e internacional que deixou marcas indeléveis até hoje. Mais concretamente, a partir de 1850, com a instalação de outras companhias carvoeiras inglesas, o Porto Grande ganha um impulso que marca a sociogénese da ilha e que mudará para sempre o seu destino.⁵

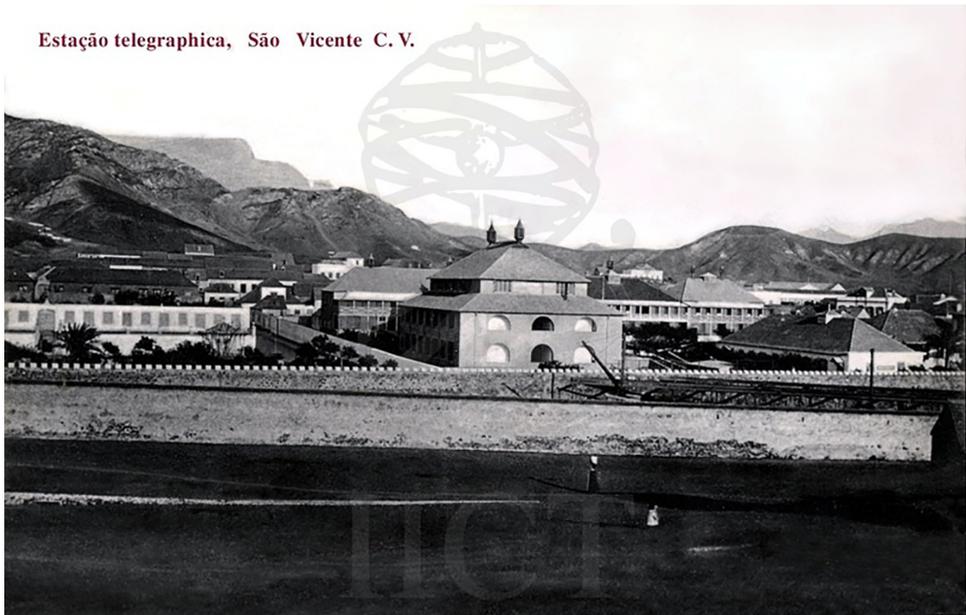
Foram também os ingleses que instalaram na ilha uma das maiores estações telegráficas do mundo, a Western Telegraph Company. Os cabos submarinos que faziam a ligação intercontinental entre Cabo Verde, Europa, África e América do Sul foram outros dos impulsionadores da prosperidade de São Vicente.⁶ Nesse fim do século XIX, o médico cabo-verdiano João Augusto Martins constatava: «Hoje, esta ilha verdadeiramente não é nossa, ou é-o apenas n'aquillo e pela maneira que os ingleses querem que ella seja».⁷

Mas para além dos britânicos, que constituíam a presença estrangeira dominante, fixaram-se na ilha outras gentes, como os italianos (com os seus bazares, estaleiros de reparação naval e mais tarde, a estação telegráfica da

5 Sobre a história oitocentista e novecentista do Mindelo e em particular do seu Porto Grande, ver Brita Papini (ed.), *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Fundo de Desenvolvimento Nacional – Ministério da Economia e das Finanças, 1984; António Leão Correia e Silva, *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Instituto Camões – Centro Cultural Português, Praia e Mindelo, 2005.

6 Ver Brita Papini, *op. cit.*, p. 56.

7 João Augusto Martins, *op. cit.*, p. 88.



Estação telegraphica, São Vicente C. V.

Fig. 2 – Estação Telegraphica, São Vicente (s.d.); Fonte: ACDT-IICT
Arquivo Científico Tropical – Instituto de Investigação Científica Tropical.

Italcable) e um importante contingente de comerciantes judeus, vindos de Marrocos e de Gibraltar, que deixaram uma descendência preponderante entre os ilhéus, bem patente nos apelidos de muitas famílias.⁸ Para além destes, há ainda que mencionar todos aqueles que passaram em trânsito e, claro, os cabo-verdianos de outras ilhas, sobretudo as duas mais próximas, Santo Antão e São Nicolau, que chegavam a São Vicente à procura de trabalho e melhores condições de vida e subsistência.

O historiador António Correia e Silva refere-se ao Mindelo do final do século XIX como a «babel cabo-verdiana»⁹ a que se juntam todos os povos de fora, originando uma «heterogeneidade social sem paralelo no pacato e provinciano arquipélago».¹⁰ O Porto Grande gerava assim «uma atmosfera cosmopolita, em forma e intensidade nunca experimentadas no arquipélago».¹¹

8 Alguns apelidos de origem judaica, inglesa e italiana que ainda hoje são comuns entre os mindelenses são: Abu Raya, Anahory, Bem David, Benoliel, Benrós, Bonucci, Brigham, Cohen, Frusoni, Levy, Morazzo, Rendall, Rocheteau, Spencer, St. Aubyn, Wanhon.

9 António Leão Correia e Silva, *op. cit.*, p. 124.

10 Um dos indicadores disto mesmo era a numerosa representação consular existente no Mindelo (cf. António Leão Correia e Silva, *op. cit.*, pp. 124-125).

11 António Leão Correia e Silva, *op. cit.*, p. 126. Este imaginário de cosmopolitismo tem servido para outras leituras e associações inesperadas. Gabriel Fernandes («O lugar como um não-lugar. Expatriação, hibridização e aventuras cosmopolitas cabo-verdianas». *Estratégia* 20 (2004) 45-59) conseguiu ver um ca-

Para se ter ideia do movimento vivido no Porto Grande em finais do século XIX bastará referir que, no ano de 1888, o fluxo portuário foi de 1700 embarcações, transportando a bordo cerca de 240.000 pessoas, entre passageiros e tripulantes. No ano seguinte, atingiu o seu auge, com a entrada de 1927 navios mercantes de longo curso, o que é por si só expressivo, mas ganha outro impacto se tomarmos em conta que nesse mesmo ano, a população da ilha era de 6561 almas, tendo-se registado, aliás, um crescimento demográfico.¹² Por trás destes números estiveram seguramente muitos arranjos sociais e culturais, uns mais gloriosos que outros. Mas talvez por ter sido tudo muito repentino os ilhéus se tenham convencido de que era tudo muito especial. Não podemos esquecer que noutras ilhas do arquipélago, e há séculos, se vinham formando outros arranjos bem diferentes. Em Santiago e no Fogo, ilhas berço da colonização mercantil e escravocrata iniciada em finais do século XV, a sociedade de finais do XIX era bem marcada por esse passado sombrio. Chegou então um novo tempo, o tempo de São Vicente. Como Teixeira de Sousa escreveu num dos seus romances:¹³ «Vocês não se esqueçam de que tudo que São Vicente tem o deve aos Ingleses. Ah, calê! Se não fossem os Ingleses, isto era outra Santa Luzia».¹⁴

Se até ao segundo decénio do século XX o Mindelo era uma cidade-porto essencialmente comercial, a partir daí, e na sequência disso mesmo, tornou-se também um polo de cultura. Tal ficou a dever-se, em grande medida, à instituição do ensino liceal na ilha, em 1917, e mais tarde, a partir da década de 1930, ao despontar de uma elite intelectual bastante influente em torno da revista *Claridade*.¹⁵

rácter cosmopolita nos três discursos que marcaram a política identitária cabo-verdiana no século XX, a saber: na proposta de fincar os pés na terra, dos claridosos; na de retornar às origens, dos africanistas; e na de reencontrar-se consigo próprio, do MpD (Movimento para a Democracia, partido político fundado em 1990). O mesmo autor retoma e desenvolve posteriormente estas ideias (cf. Gabriel Fernandes, *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Florianópolis e Praia, 2006, pp. 243-272), acrescentando aos claridosos a geração anterior dos nativistas (2006:246-248). Mas Fernandes vai mais longe. Afirma que «crioulização e cosmopolitismo aparecem íntima e inextricavelmente ligados, consolidando-se na história do arquipélago como um dos mais directos efeitos de expatriação», deliberada ou forçada, de dominadores e dominados, de brancos e negros (2004:53 e 2006:265). Preconizando um novo cosmopolitismo para Cabo Verde, o autor considera que a «sua [do ilhéu] história de expatriação e hibridização confunde-lhe a consciência de lugar, impulsionando a marcha cosmopolita» (2004:54 e 2006:266).

12 Cf. João Augusto Martins, *op. cit.*, p. 85 e Brita Papini, *op. cit.*, p. 53 e p. 58.

13 Henrique Teixeira de Sousa, *Capitão de mar e terra*. Publicações Europa-América, Mem Martins, 1984, p. 167.

14 A ilha deserta do arquipélago.

15 A *Claridade* foi uma revista que surgiu em São Vicente e da qual se publicaram somente nove números entre 1936 e 1966. Porém, teve um impacto tremendo fora dos limites da ilha e ao longo de gerações. Con-

O cosmopolitismo do Mindelo, herança do Porto Grande, foi intensamente propalado ao longo da história, mesmo quando o movimento portuário já definha. O escritor *claridoso* Manuel Lopes, que definiu a baía de São Vicente como a “sala de visitas do arquipélago crioulo”, afirmou também que «A cidadezinha do Mindelo pode-se dizer que veio ao mundo sobre as quilhas da navegação internacional, nasceu, por assim dizer cosmopolita, porque nasceu parasita do porto, e até hoje sempre dependeu dele».¹⁶

A ideia do Mindelo como cidade cosmopolita foi insistentemente reproduzida no passado, pelo que não admira que o seja ainda hoje. Este discurso de cosmopolitismo tende, contudo, a ser totalizante e ofusca muitas outras dimensões importantes da sociedade mindelense. A estratificação social é uma delas. As assimetrias de classe entre ingleses e cabo-verdianos, por exemplo, eram profundas.

Os ingleses são um marco histórico incontornável pois foram os responsáveis pelo desenvolvimento económico da ilha, assim como por muitas outras influências culturais, dos desportos (como o ténis, o golfe e o críquete), passando por alguns hábitos mais mundanos (como o “chá das cinco” ou o *gin* tónico), até à toponímia da cidade e às contaminações linguísticas e lexicais no crioulo falado quotidianamente.¹⁷ O Porto Grande, bem como o estilo de vida dos ingleses, inspiraram inclusive os trajes e os festejos de carnaval:¹⁸ os homens mascaravam-se de almirantes e oficiais da marinha, as mulheres de criadas “à inglesa” e os grupos carnavalescos tinham nomes de navios de passageiros, couraçados e companhias de navegação. Mas se é certo que os são-vicentinos adoptaram muitos dos hábitos e modos de estar

tu com vários colaboradores, mas o seu núcleo duro era constituído por Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes que, influenciados por outros movimentos literários, nomeadamente a *Presença* de Portugal e o romance regionalista do Brasil, lançaram este, que viria a ser determinante na formação de uma nova concepção de cabo-verdianidade. Nas páginas da revista era possível encontrar tanto literatura (da poesia ao conto) como ensaio. Ambos os géneros eram animados pela denúncia dos problemas da terra e pela afirmação de uma identidade regional cabo-verdiana.

- 16 Manuel Lopes, «Reflexões sobre a literatura cabo-verdiana ou a literatura nos meios pequenos» In *Colóquios Cabo-Verdianos*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1959, 1-22, p. 9.
- 17 Na variante do crioulo falada em São Vicente existem muitas palavras cuja origem remonta a essa presença britânica. A título de exemplo, deixo aqui algumas (em grafia inglesa, ainda que em crioulo os vocábulos vejam a sua escrita e fonética alterada): *best, boys, brother, business, chewing gum, cool, drink, job, nice, show, sorry*. Todavia, convém não esquecer que muitas palavras de inspiração anglófona foram introduzidas posteriormente, devido às dinâmicas migratórias do arquipélago, e são observáveis noutras ilhas. A ilha Brava é um bom exemplo no que concerne à importação de anglicismos, por via da intensa emigração para os Estados Unidos da América.
- 18 Para uma análise histórica e etnográfica do carnaval do Mindelo, veja-se a minha dissertação de doutoramento (*Classe, memória e identidade em Cabo Verde: uma etnografia do carnaval de São Vicente*, Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018).

dos britânicos, a interação entre uns e outros era praticamente inexistente. Apesar da sua profunda influência, tanto na ilha, como na sua gente, os ingleses constituíam um enclave bem delimitado naquele território. Eram um grupo de referência pelo nível e estilo de vida, mas, «salvo raras exceções, a colônia britânica socializava pouco com a população da ilha. Foi por emulação que os mindelenses criouzaram alguns costumes dos ingleses, e não através de um intercâmbio cultural propriamente dito».¹⁹



Fig. 3 – Golfistas do Grémio Sportivo Castilho (1932).
Fonte: fotografia gentilmente cedida por Valdemar Pereira.

Nessa época em que o “ouro negro” da altura, o carvão, impulsionava o desenvolvimento de São Vicente, essa prosperidade parecia encobrir as clivagens, mas foi ela que cavou os maiores fossos. Foi do cenário portuário fervilhante que surgiu o funcionalismo (seja com os trabalhadores no cais, armazéns, oficinas e escritórios, seja com a burocracia do Estado, de fiscalização e tributação aduaneira e outros serviços); foi devido ao trânsito portuário que se intensificou o comércio (com comerciantes e lojistas que se instalaram na ilha, atraídos pelas oportunidades de lucro desta boa vaga, abastecendo a cidade em crescimento); e foi a partir desse contexto portuário que se engendrou o patronato inglês e, a par dele, a nova classe do proletariado,²⁰ como os catraeiros, os estivadores, as carregadeiras. Surgiu tam-

19 João Vasconcelos. *Espíritos Atlânticos: um espiritismo luso-brasileiro em Cabo Verde*. Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007, p. 77.

20 Noto que esta terminologia era empregue à época. Veja-se o pequeno excerto do discurso da tomada de

bém o lumpen: cicerones (que eram a uma só vez analfabetos e políglotas, habituados que estavam às várias línguas que ouviam no cais), meretrizes, contrabandistas, e tantos outros.

Esta nova configuração social do Mindelo terá efeitos duradouros nos modelos de relacionamento, que passarão a ser irreversivelmente marcados pela estratificação de classe.

Da mesma forma que o porto foi a porta de entrada de outras culturas na ilha, a formação escolar, por um lado, e o movimento *claridoso* por outro, foram os veículos de outro tipo de dinâmica cultural, de uma cultura de índole intelectual e erudita. Em todos estes casos, São Vicente destacava-se, mostrando a sua abertura ao mundo e conquistando uma posição de relevo no arquipélago, com uma identidade ímpar marcada pela chancela cosmopolita.

O espelho do cosmopolitismo nos dias de hoje

Assim começou a desenhar-se o perfil cultural do Mindelo e nasceu a sua reputação de capital cultural de Cabo Verde, que sobrevive até à actualidade. Ainda hoje, e apesar da sua diminuta população, da sua exiguidade física e da estreiteza do meio social, São Vicente vê-se e projecta-se, nacional e internacionalmente, como uma ilha cultural, que tem associada a si vários imaginários, devedores dessa antiga conjuntura histórica e social. Digo imaginários, não apenas no sentido sociológico, mas também no sentido de ideal e de idílico. Um dos epítetos mais comuns para descrever o Mindelo é “capital da cultura”. E outra ideia generalizada, associada a esta, mas anterior a ela, é a de cidade cosmopolita.

Hoje em dia, não é difícil esbarrarmos na designação “cosmopolita” para descrever a cidade ou os seus habitantes. O Mindelo e os mindelenses são cosmopolitas, este é um traço da sua identidade. Encontramos esta ideia em conversas de café, na comunicação social, na promoção turística, e até entre académicos.

Actualmente, poder-se-ia pensar que o turismo,²¹ com os seus fluxos

posse na Câmara Municipal em 1894 (citado por António Leão Correia e Silva, *Combates pela História*. Spleen Edições, Praia, 2004, pp. 227-228).

21 Para uma abordagem geral do turismo em Cabo Verde, veja-se a minha dissertação de mestrado (*Turismo em Cabo Verde: um estudo exploratório*. Tese de mestrado. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009).

marítimos e aéreos, faria as vezes do antigo movimento portuário e seria o equivalente contemporâneo daquele cenário cosmopolita. Mas não é bem o caso. Esse passado de glória jamais teve paralelo.

De uma forma geral, quando pensamos em cosmopolitismo, pensamos num conhecimento e abertura face a outras culturas e face à diferença cultural. Cosmopolitismo é muitas vezes usado como sinónimo de universalismo, mobilidade, hibridismo, multiculturalismo. Em determinadas acepções é mesmo tomado como o oposto de nacionalismos e racialismos ferozes, ou como um destruidor das fronteiras. Também não é bem isto que se passa em São Vicente.

Em São Vicente, os discursos sobre a identidade cosmopolita servem propósitos bem mais auto-referenciais. Servem para se falar da terra e das suas gentes. Além disso, há vários indícios que apontam em direcções bem distintas. Por exemplo, *estrangeiro* é mais do que uma designação para quem vem de fora, é a afirmação de uma fronteira, sendo que do lado de cá, ficam as coisas chamadas “da terra”. Esta fronteira não se impõe somente aos que estão de passagem, mas a todos aqueles que cultural ou racialmente não façam parte dessa comunidade, sejam eles imigrantes da costa ocidental africana (ali denominados de *mandjakus*), chineses, brancos ou falantes de outras línguas.

A longa história de um suposto “cruzamento de culturas” que o Porto Grande promoveu, a herança intelectual dos *claridosos* e a dinâmica cultural que fomentaram, aliado ao intenso fluxo de estrangeiros que ainda hoje afluem por mar ou por ar, parece chegar para fazer de São Vicente uma ilha com vocação cosmopolita. Um cosmopolitismo que estaria comprovado num passado e num presente de encontros, mais ou menos demorados, mais ou menos misturados. Subjacente está a ideia de cosmopolitismo como o confronto com a diversidade cultural e não com a internalização dessa diversidade. E parece-me haver ainda um abusivo salto hermenêutico, pois mais do que uma ilha cosmopolita, o que temos é um povo cosmopolita. Não é apenas o Mindelo que é cosmopolita, é o mindelense.

Não obstante esta ideia de cosmopolitismo convocar experiências reais de interconexões culturais, e até da miscigenação e da crioulização de que Cabo Verde é incontestável legatário, hoje em dia, em São Vicente, o que parece existir é, sim, um forte enraizamento de uma representação de cosmopolitismo, que já se transformou em ideia de senso comum, num chavão, mais do que efectivas práticas cosmopolitas de convivialidade e abertura ao mundo e à diferença. A meu ver, este cosmopolitismo do mindelense é mui-

to discutível, mas o que ele não veicula, de todo, é a máxima socrática do “cidadão do mundo”, não obstante o cabo-verdiano ser conhecido como um povo diaspórico e transnacional. Mais do que questionável, este rótulo de cosmopolitismo que a cidade do Mindelo ostenta e, por arrasto, os mindelenses, coloca problemas epistemológicos, pois apresenta o cosmopolitismo como uma característica intrínseca a uma cidade ou a um povo, o que – como se isto não bastasse para suscitar sérias reservas – se revela em total contramão das muitas e variadas análises sobre o cosmopolitismo, que tem sido visto a partir de fluxos ou redes (de informação, de consumo, diaspóricas, etc.) e de grupos bem diferentes (dos migrantes às elites), e que em nada justifica a sua aplicação a uma ilha somente com base no seu passado, ou à sua população, como se esta, mesmo quando imóvel ou fechada, transportasse o gene do cosmopolita.

Cosmopolitismo insular

Regra geral, o cosmopolitismo tem uma conotação positiva, virtuosa até, mas a sua polivocalidade é complexa. Não é de estranhar que se tenham colado ao termo múltiplos adjetivos que revelam não apenas a utilidade, mas também a plasticidade do conceito. É sintomático, no entanto, que muitas dessas combinações se façam entre categorias aparentemente opostas, como nos casos de “cosmopolitismo vernacular”, “cosmopolitismo enraizado” ou “cosmopolitismo colonial”, para mencionar apenas três exemplos.²²

Os debates académicos pós-modernistas da década de 1990 ampliaram o alcance heurístico do conceito e estabeleceram um novo paradigma: há vários tipos de cosmopolitismo e eles encontram-se um pouco por todo o lado e entre os mais variados grupos sociais. Contudo, e independentemente das correntes teóricas adoptadas, as discussões académicas falam sistematicamente do cosmopolitismo num tom celebratório. E apesar de terem alcançado uma visão plural e uma maturidade interpretativa consideráveis, não têm dado grande atenção ao modo como esse conceito é utilizado, ma-

22 Sobre estas acepções do conceito, ver Homi Bhabha, «Unsatisfied: notes on vernacular cosmopolitanism» In *Text and Nation. Cross-Disciplinary Essays on Cultural and National Identities*, Laura García-Moreno, Peter C. Pfeiffer (eds.), Camden House, London, 1996, 191-207; Pnina Werbner, «Vernacular Cosmopolitanism», *Theory, Culture & Society*, 23(2-3) (2006) 496-498; Kwame Anthony Appiah, «Rooted Cosmopolitanism» In *The Ethics of Identity*, Princeton University Press, Princeton, 2005, 213-272; Peter van der Veer, «Colonial Cosmopolitanism» In *Conceiving Cosmopolitanism. Theory, Context, and Practice*, Steven Vertovec, Robin Cohen (eds.), Oxford University Press, Oxford, 2002, 165-179.

nipulado e capitalizado localmente, do ponto de vista *emic*, na construção e reconstrução de identidades regionais e, em particular, de identidades insulares. A ilha de São Vicente é um bom campo para essa exploração, como procuro aqui sugerir. Mas antes de avançar algumas considerações a esse respeito e ensaiar mais uma outra terminologia – *cosmopolitismo insular* – atentemos noutras ponderações.

É hoje ponto assente que o cosmopolitismo não é apanágio das elites. Pode ser também percebido e experienciado pela classe trabalhadora, pobres, migrantes, refugiados. Também sabemos que não é consequência ou conquista do século XVIII, nomeadamente do Iluminismo, e menos ainda atributo exclusivo do Ocidente. Está presente nas mais diversas regiões do mundo e desde há muito, em tempos e sociedades pré-coloniais.

À semelhança de outros autores, Appadurai²³ sublinhou que o cosmopolitismo não é um privilégio somente das elites. Esta concepção, ainda assim bastante vulgarizada e corrente, assenta numa outra – que toma o cosmopolitismo como um conhecimento do mundo que vai para lá dos horizontes imediatos e que decorreria de determinadas capacidades, da literacia à facilidade de viajar, que permitiriam esse alargar de horizontes e experiências – concepção essa que pressupõe um contraste entre cosmopolitismo e enraizamento. Ao falar de enraizamento (*rootedness*), Appadurai usa também a palavra “provincialismo” (*provincialism*) para designar a ligação com o seu próprio grupo, país, língua ou mesmo classe, e a falta de interesse em cruzar essas barreiras. Estes seriam os antípodas do cosmopolitismo.

A partir do caso de Mumbai, a segunda maior cidade da Índia, Appadurai propôs uma nova terminologia. Para este autor, existe outro tipo de cosmopolitismo, que vem de baixo (*cosmopolitanism from below*), que tem em comum com o cosmopolitismo “canónico” a necessidade de expandir os horizontes individuais e culturais e um desejo de conexão com um mundo mais vasto, mas que, ao invés de reflectir certos privilégios de inclusão, deriva da exclusão. Este cosmopolitismo não nasce de uma vontade deliberada, é uma necessidade para os estratos sociais mais baixos e subalternos, é uma reacção à sua marginalidade e exclusão.

Acauteladas as devidas ressalvas quanto às diferenças entre as duas cidades, podemos, contudo, afirmar que o cosmopolitismo cliché que Appadurai identifica em Mumbai – e ao qual contrapõe o seu *cosmopolitanism*

23 Arjun Appadurai, «Cosmopolitanism from below: some ethical lessons from the slums of Mumbai» In *The Future as Cultural Fact. Essays on the Global Condition*, Verso, London, 2013, 197-214.

from below – é do mesmo tipo daquele que se verifica no Mindelo – e ao qual eu pretendo contrapor o *cosmopolitismo insular*. O exercício comparativo que quero fazer é duplo: não só existe um cosmopolitismo cliché em ambos os casos, como o sentido reactivo do “cosmopolitismo de baixo” de Mumbai assemelha-se ao efeito de reacção do *cosmopolitismo insular* do Mindelo. Este é igualmente uma forma de reagir à marginalidade e exclusão, ainda que de outra natureza que não a classe social. Portanto, e frisando uma vez mais as diferenças, em Mumbai, como no Mindelo, o cosmopolitismo da coexistência cultural e do contacto intercultural nada tem que ver com os ideais universalistas do Iluminismo europeu e é um cliché, mas é possível observar outro tipo de cosmopolitismo, com outros contornos e propósitos. De facto, os pontos em comum ficam por aqui. Na realidade, e no que diz respeito à existência efectiva de valores cosmopolitas, as semelhanças são só aparentes. Appadurai descreve as dinâmicas de uma grande metrópole cuja composição social não podia ser mais diversificada, reflexo de um país que é um mosaico multicolor mas estilizado e tenso, composto por muitas e variadas culturas, religiões, línguas, etnias, classes sociais. Isto está longe de ser o caso da pequena cidade do Mindelo que, apesar das suas assimetrias de classe, não tem cicatrizes fracturantes e mantém uma certa homogeneidade e paz social.

Retomando um termo usado por Appadurai e referido acima – *provincialism* – será interessante notar que o vocábulo inglês para insularidade (*insularity*) designa não apenas a condição de insular (tendo ilha como raiz etimológica), mas também significa desinteresse ou ignorância relativamente a ideias, culturas e povos diferentes. Esta limitação de espírito (*narrow-minded*) – significado tanto de *insularity* como de *provincialism* –, este ensimesmamento, poder-se-ia identificar como um traço social característico de São Vicente, assim como de outras pequenas ilhas e comunidades insulares. Não estou com isto a querer afirmar qualquer inferioridade, mas tão somente a realçar um certo sociocentrismo ou localismo bastante comum em meios pequenos e insulares. E para evitar qualquer espécie de excepcionalismo cabo-verdiano, convém lembrar que o carácter cosmopolita já foi observado em inúmeros lugares, nomeadamente em cidades-porto, seja na Europa, nas Américas, em África ou na Ásia.

Ao desenvolver a sua teoria da história conectada, o historiador indiano Sanjay Subrahmanyam também sustentou que o cosmopolitismo não é uma característica do Ocidente e tem particular expressão em cidades por-

tuárias.²⁴ E na verdade, as histórias conectadas revelam bem o processo de formação do cosmopolitismo. Não é difícil compreender que as cidades-porto, enquanto plataformas de rotas transoceânicas à escala global, com o seu fluxo de pessoas, mercadorias, ideias e experiências, se constituam como eixos de contacto fulcrais entre diferentes culturas. As ilhas – e determinados arquipélagos como é o caso de Cabo Verde – situam-se muitas vezes em localizações estratégicas que servem objectivos comerciais e geopolíticos externos e acabam por gerar novas configurações sociais e culturais.

Com efeito, ilha e cidade-porto pode emergir como uma junção perfeita para a marcha cosmopolita. Foi o que aconteceu em São Vicente. Mas aconteceu algo mais, e devido também a essa localização estratégica. Cabo Verde é resultado de um processo de criouliização, é uma sociedade que nasceu justamente do cruzamento desses diferentes trânsitos e rotas. O povo cabo-verdiano é um povo crioulo, fruto de contactos e misturas, de encontros e cruzamentos entre diferentes povos e culturas.

Neste contexto, também não é novidade a articulação entre cosmopolitismo e criouliização.²⁵ Ambos os conceitos pressupõem movimento e mistura. Françoise Lionnet²⁶ propõe repensar ambas as categorias, numa perspectiva de convergência (e não de oposição, como é mais comum e habitual), a partir do caso das regiões insulares do Oceano Índico. A autora chama ainda a atenção para o papel crucial que as histórias marítimas desempenham na construção de identidades culturais.

É na esteira destes contributos que sugiro então, para o caso de São Vicente, a equação de um outro tipo de cosmopolitismo: o *cosmopolitismo insular*. É da conjunção entre diferentes factores – da sua localização geoestratégica à sua história marítima, da sua condição insular e arquipelágica à sua matriz crioula, do seu isolamento físico e social à sua tradição diaspórica, da sua memória local à sua identidade regional – que nasce este *cosmopolitismo insular*.

24 Veja-se o seu recente artigo: Sanjay Subrahmanyam, «The Hidden Face of Surat: Reflections on a Cosmopolitan Indian Ocean Centre, 1540-1750» *JESHO – Journal of the Economic and Social History of the Orient* 61(1-2) (2018) 205-255.

25 Veja-se, por exemplo, Françoise Vergès, «Vertigo and Emancipation, Creole Cosmopolitanism and Cultural Politics», *Theory, Culture & Society* 18(2-3) (2001) 169-183.

26 Françoise Lionnet, «Cosmopolitan or Creole Lives? Globalized Oceans and Insular Identities», *Profession*, (2011) 23-43.

Notas finais

O *cosmopolitismo insular* a que me refiro não pretende apartar ou resolver as diferentes perspectivas analíticas acerca dos processos de construção e reivindicação identitária em Cabo Verde. É mais uma abordagem e um subsídio para esse debate. Creio que se trata de outra faceta das ambivalências identitárias que caracterizam Cabo Verde e que já abordei noutra ocasião.²⁷ Também não esgota, de forma nenhuma, as vias interpretativas para o caso mindelense. Mas tenta oferecer uma síntese de várias dimensões da história e vida local que permita aprofundar o conhecimento sobre a identidade insular dos são-vicentinos.

Como espero ter ficado explícito, este *cosmopolitismo insular* tem por base uma estreita articulação entre identidade e memória. Ora, como é sabido, a memória é sempre fragmentada e parcial. A memória social é selectiva mas os usos que hoje se fazem do passado elucidam acerca daquilo que se quer recordar e fixar, por oposição ao que se tenta esquecer ou apagar. A selectividade da memória alia-se assim a processos de construção identitária, apontando tendencialmente para o que se deseja e nem sempre para o que se foi ou é. E à medida que se afirma uma memória que enaltece o passado, vai-se afirmando também uma identidade para o presente.

Desde o final do século XIX até meados dos anos 50 do século seguinte, viveu-se em São Vicente uma era de prosperidade que trouxe à cidade-porto viajantes dos quatro cantos do mundo e que fez com que ali aportassem influências de várias paragens. Este facto desencadeou interacções sociais e culturais várias que marcaram as formas de ser e estar dos ilhéus, o que, por sua vez, criou uma auto-representação que se foi reproduzindo ao longo dos tempos, mesmo quando o cenário era já outro e apesar das inúmeras transformações sociais e políticas que se registaram no arquipélago. Mesmo depois do declínio do movimento portuário, continuaram a chegar à ilha vozes de fora, fosse em formato de literatura, música ou ideais. E assimilava-se o que o Outro tinha de interessante. Além da paisagem social da ilha, o cosmopolitismo caracterizou em especial uma certa *intelligentsia*, a elite letrada dos *claridosos*. Estes intelectuais crioulos projectavam a sua ilha e o seu povo no mundo, a partir do que recebiam do mundo na sua pequena ilha.²⁸

27 Carmo Daun e Lorena, «Ambivalências identitárias em Cabo Verde: da história à etnografia». *Análise Social* L-217 (2015) 784-808.

28 Não é surpreendente esta inclinação cosmopolita dos intelectuais crioulos. Veja-se a propósito dos das colónias francesas, Françoise Vergès, *op. cit.*

E poder-se-ia dizer que o *cosmopolitismo insular* ficou impresso nas obras literárias que produziram e no reflexo que nelas teve o ideário luso-tropicalista. Mas também contribuíram para disseminar a ideia de que São Vicente era uma ilha cosmopolita, aberta ao mundo e aos outros. Em São Vicente, o contacto intercultural, directo ou indirecto, moldou visões do mundo e sentimentos de pertença, e não só não inibiu como reforçou o enraizamento cultural dos ilhéus.

Este cosmopolitismo intensamente propalado contrasta com o forte enraizamento cultural que o mindelense cultivava sobre o seu arquipélago e especialmente sobre a sua ilha, e com um traço peculiar que denominei de auto-referencialidade,²⁹ que pretende dar conta de uma propensão acentuada entre os são-vicentinos para se falar muito da terra e para recorrer à realidade local de forma a enaltecer a sua especificidade. Assemelha-se a um auto-centramento mas não se reduz a isso e é um dispositivo essencial na construção de uma memória colectiva e de uma identidade comum. O *cosmopolitismo insular* abarca todas essas nuances e liga-se ainda a uma certa noção de autoctonia. E procura, no fundo, transcender o isolamento insular e combinar o particularismo regional e local com o universalismo mundial e global. Ecoa as memórias locais, projecta uma identidade regional e mescla o ensimesmamento ilhéu com o desejo de abertura ao mundo. E assim, o *cosmopolitismo insular* é um meio de produção e afirmação de uma memória colectiva local e de uma identidade insular regional.

Não obstante as suas diferentes versões e modalidades, o cosmopolitismo convoca invariavelmente, uma relação com o Outro, com a alteridade. Em São Vicente, esta relação fez-se de várias formas, umas vezes de observação e assimilação, outras vezes de copresença e separação, outras de contacto próximo e troca de experiências. Todos estes fenómenos sociais, diversos entre si, foram vistos como cosmopolitismo. E por vezes, esse desígnio cosmopolita é também comprovado com factos históricos mais duros e castigadores. O tráfico de escravos, a baleação, a emigração, são também apontados para confirmar esse cosmopolitismo cabo-verdiano.

As dinâmicas comerciais das cidades-porto geraram configurações sociais e culturais cuja especificidade não pode ser desligada dos contextos históricos e ideológicos em que ocorreram. Mesmo após o desaparecimento

29 Veja-se, em particular, o capítulo V da minha dissertação de doutoramento (*Classe, memória e identidade em Cabo Verde: uma etnografia do carnaval de São Vicente*, Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018).

ou a profunda alteração dessas conjunturas, e mesmo depois de muitos povos visitantes rumarem para outras paragens para nunca mais voltarem, os povos anfitriões permaneceram os guardiões desses legados. As formações sociais daí resultantes também se alteraram, mas mantiveram essas heranças na sua matriz sociocultural. E esse passado, real e ficcionado, influencia profundamente as representações identitárias dos ilhéus, e em particular dos ilhéus das cidades-porto.

O passado de contactos e relações interculturais, que num contexto muito particular e delimitado, transformou São Vicente numa ilha cosmopolita, moldou igualmente a forma como os são-vicentinos se foram vendo a si próprios e a reprodução social desse imaginário cosmopolita – relativo tanto à história da ilha, como ao são-vicentino – foi-se fazendo não apenas através da experiência vivida e da história local, mas também mediante outros suportes, da literatura regional à promoção turística internacional.

As ilhas, em especial aquelas dos pequenos países insulares como Cabo Verde, tendem a ser vistas como as margens de um sistema-mundo e como irremediavelmente isoladas, quer física quer socialmente. O cosmopolitismo dos ilhéus, ao colocar em evidência a circulação (de pessoas, bens, ideias), desafia as interpretações mais comuns sobre centros e periferias, mostrando que a história conectada é mais do que uma corrente teórica, é também uma história partilhada. E, acima de tudo, uma história vivida, ontem e hoje, pelos ilhéus.

A insularidade de Cabo Verde não é apenas geográfica. A estrutural dependência financeira e económica de Cabo Verde face ao exterior, a inacessibilidade de comunicação e transporte entre as ilhas, são outros dos factores que contribuem para o isolamento do arquipélago. Este cosmopolitismo, recordado, reafirmado, é também uma forma de contrariar esse isolamento, mesmo que seja à custa de uma imagem já desfocada e longínqua, que sobrevive à sombra do passado...

